



ANTÓNIO VILAR ADVOGADO
antoniovilar@antoniovilar.pt

Causas do dia a dia

Pelo sonho é que vamos!

Pelo sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não frutos,
pelo sonho é que vamos. (...)
Chegamos? Não chegamos?
- Partimos...Vamos. Somos.

Ao chegar aqui, hoje, dia 13 de julho de 2016, tendo por pano de fundo a extraordinária vitória da Seleção Nacional no Europeu de Futebol, em Paris, estes versos de Sebastião da Gama ocupam toda a minha memória constituída, durante tantos anos, com outras pessoas que por mim passaram, ou que vi passar ao largo. Ocupam, também, os interstícios do presente. Do futuro não sei.

Perdi – ou ganhei? – horas sem fim a rabiscar, durante mais de uma dúzia de anos, estes escritos em que muitas vezes senti que alguém detinha e conduzia a caneta para formar frases que vos deixava (quase) semanalmente com o meu nome, mas que, nem sempre, eram minhas.

Apenas iam e vinham, algumas, com a emoção que o contexto social me provocava e a cultura partilhada com amigos, mestres e outros me facilitaram.

Ponho neste texto as últimas palavras desse ciclo que durou mais do que o

permitiria a racionalidade de quem dirige este notável jornal feito no Norte. Foi, apenas, a grande generosidade de quem o dirige que permitiu que tal durasse o que durou. Obrigado! Aos que alguma vez tenham lido, porventura, algumas dessas linhas, agradeço, também, a amizade. A marca que em mim fica desse tempo é que faltou luz, azul, força humana, para ter ido além. Aconteceu o possível, sem esquecer que o caminho é de todos nós, cada qual com os seus meios e qualidades.

Não recordo, de todo, o mote do que foi o primeiro artigo deste ciclo. Mas sei bem qual é o deste último – e é muito simples: cidadãos e cidadãs portuguesas não tenham vergonha, não tenham medo, pois se não somos iguais a outros povos, somos diferentes e somos melhores – quando queremos a valer.

Durante mais trinta anos colaborei com dezenas e dezenas de empresas, de empresários, de profissionais liberais e de trabalhadores. Desde o Metro do Porto, à Lipor, à Casa da Música e em muitas outras obras que, então, os fundos comunitários tornaram viável concretizar no nosso país. Refiro isto apenas para dar público testemunho de que quase tudo o que era relevante (fora do plano financeiro) foi o génio e obra de portugueses e de trabalhadores das nossas colónias, tantas

e tantas vezes escravizados por capatazes estrangeiros como talvez nunca antes o tivessem sido no tempo da colonização ou do autoritário Salazar.

Foi com esses capatazes, alegados súbditos de países da UE benfeitores de um país pobre, que conheci os escaninhos da corrupção e de outra criminalidade económica global que hoje faz títulos na comunicação social, mas atingindo apenas portugueses.

É doloroso ver tantos portugueses em estado de servidão voluntária - também relativamente a outros concidadãos - que usufruem avidamente o que deveria ser – e é, nosso.

Portugal só deixará de ser esmagado pelo FMI, pela Goldman Sachs, pela Comissão Europeia, por “Troikas” e outros poderes não eleitos e vários clubes, tipo Bildeberg, quando voltarmos a recuperar a nossa dignidade de seres humanos. Estudando com denodo, trabalhando com afínco, gerindo com inteligência, dando as mãos na vitória mas, também, na derrota, sendo solidários na diversidade de pensamento e muito firmes no amor à Pátria, sobretudo contra os vendilhões e traidores que pululam neste tempo que já não tem valores, nem os querem ter.

Até sempre, amigos!
Até breve, adversários!
Até já, inimigos!